

## X

## FOGO PURIFICADOR

Na manhã imediata, a administração da Casa Transitória achava-se de posse do roteiro a seguir.

Os cronômetros acusavam seis horas; no entanto, as sombras densas e monótonas dominavam a região.

O instituto recebia o concurso de vários servidores de outras organizações socorristas da mesma natureza, enquanto a Irmã Zenobia se mantinha absorvida pelos quefazeres imperiosos do momento, cercada de assessores, orientando atividades alusivas à mudança próxima.

Ardendo de ansiedade por obter maiores esclarecimentos acerca dos trabalhos em execução, acompanhei o padre Hipólito, que me convidou a inspecionar os movimentos do átrio.

Segui-o, gostosamente.

O serviço ativo exigia a atenção e o esforço de grande número de colaboradores.

Instado pelas minhas interrogações insistentes, o prezado companheiro informou:

— As instituições socorristas, como esta, podem alçar vôos de grande alcance.

E, diante da minha funda admiração, continuou:

— Permanecemos, porém, noutros domínios vibratórios e não podemos ter grandes surpresas. As leis da matéria densa, nossas velhas conhecidas da Crosta Planetária, não são as que presidem aos fenômenos da matéria quintessenciada que nos serve de base às manifestações também transitó-

rias. O homem encarnado, sómente agora, começa a perceber certos problemas inerentes à energia atômica do plano grosseiro em que situa, temporariamente, a personalidade. Como você não ignora, as descargas elétricas do átomo etérico, em nossa esfera de ação, fornecem ensejo a realizações quase inconcebíveis à mente humana. Nos círculos carnais, em favor da solução dos nossos enigmas evolutivos ou redentores, somos fracos prisioneiros do campo sensorial, que se comunicam com a Vida Infinita pelas estreitas janelas dos cinco sentidos. Não obstante o progresso da investigação científica entre as criaturas terrenas, o homem comum apenas conhece, por enquanto, uma oitava parte do plano onde passa a existência. A visão e a audição, as duas portas que lhe podem dilatar a pesquisa intelectual, permanecem excessivamente limitadas. Vejamos, por exemplo, a luz solar, que condensa as cores básicas, suscetíveis de serem assinaladas pelo nosso olho, quando na Terra. Percebemos, tão sómente, as cores que vão do vermelho ao violeta, salientando-se que a maioria das pessoas nada enxerga além das últimas cinco, que são o azul, o verde, o amarelo, o laranja e o vermelho, não registrando o índigo e o violeta. Existem, porém, outras cores no espectro, correspondentes a vibrações, para as quais o olho humano não possui capacidade de sintonia. Manifestam-se raios infra-vermelhos e ultra-violeta que o pesquisador humano consegue identificar imperfeitamente, mas que não pode ver. Ocorre o mesmo com a potência auditiva. O ouvido da mente encarnada assinala apenas os sons que se enquadram na tabela de "16 vibrações sonoras a 40.000 por segundo". As ondas mais lentas ou mais rápidas escapam-lhe integralmente. Há que obedecer às leis da gravitação e da estrutura das formas, na zona de matéria densa, para que a vida atinja seus divinos objetivos espirituais.

O ex-sacerdote fez breve parada, sorriu afavelmente, e acentuou:

— Os movimentos de trabalho em nossa esfera de luta, portanto, não podem ser vistos com a mesma deficiência de exame que antigamente nos presidia às observações. A matéria e as leis, em nosso plano, permanecem bastante diferenciadas, embora emanem da mesma Origem Divina.

As considerações eram sumamente interessantes para mim, em tal conjuntura, apesar de já não ser leigo no conhecimento da aplicação de energia elétrica, na colônia espiritual em que mantinha residência. As palavras de Hipólito tinham a virtude de aliviar-me o cérebro atulhado ainda de reminiscências viciosas da Crosta.

O estimado amigo, não obstante reconhecer a leveza da substância etérica, em comparação com os fluidos grosseiros que constituem os corpos terrenos, chamou-me a atenção para o esforço hercúleo dos trabalhadores que articulavam diversos serviços, atinentes à próxima modificação. A tarefa exigia decisão e boa vontade, assombrando o ânimo mais forte.

A utilização de recursos, ali, naquela casa de benemerência, insulada em tão escura paisagem, custava inauditos sacrifícios. A densidade da região influía inequivocamente nos serviços, e os colaboradores dispendiam atividades de gigantescas proporções.

Todo o pessoal disponível fora convocado ao trabalho dos motores e, quando me entregava a transportes admirativos, diante da maquinaria complexa, indescritível na técnica humana, a Irmã Zenóbia, através de Jerônimo, nos pediu colaboração nas defesas magnéticas, em vista da necessidade de empregar maior número de cooperadores na preparação ativa do vôo.

Não tínhamos tempo a perder. O próprio Assistente que nos orientava, num belo exemplo de

renúncia fraternal, tomou a dianteira, encaminhando-se para as taixas de defesa.

Não eram, essas, altas e verticais como as muralhas das fortificações terrestres, mas horizontalmente estendidas e formadas em substância escura, que emitiam forças elétricas de expulsão num raio de cinco metros de largura, aproximadamente, circulando toda a casa. Diversos focos de luz permaneciam acesos e, em rápidos minutos, determinado responsável pela tarefa colocava-nos ao corrente do trabalho a executar.

Velaríamos pelo funcionamento regular de certos aparelhos geradores de energia electro-magnética, destinados à emissão constante de forças defensivas, e vigiariamos o setor que nos fora confiado, de modo a sanar qualquer anormalidade.

Finalizando as explicações, assegurou o colaborador:

— Temos determinação para receber todos os sofredores que se apresentarem renovados, facultando-lhes ingresso ao pátio interno. Nas últimas horas, a Irmã Zenóbia e os demais administradores da instituição ordenaram acolhimento a todos os transviados que se aproximarem de nós, com sinais legítimos de transformação moral para o bem.

Certo, Jerônimo estaria informado quanto às providências necessárias, entretanto, dentro de minha ignorância, não contive a interrogação:

— Como nos asseguraremos, porém, da renovação a que alude?

O prestimoso Assistente não permitiu que o interpelado me respondesse. Adiantou-se, ele mesmo, e informou:

— Os sofredores, já modificados para o bem, apresentarão círculos luminosos característicos em torno de si mesmos, logo que, estejam onde estiverem, concentrem suas forças mentais no esforço pela própria retificação. Os outros, os impenitentes e mentirosos sistemáticos, ainda que pronunciem comovedoras palavras, permanecerão confinados nas

nuvens de treva que lhes cercam a mente endu-recida no crime.

O esclarecimento era bastante significativo e silenciei, satisfeito, compreendendo, mais uma vez, a grandeza da purificação consciencial, em lugar dos protestos verbalísticos, que se fazem através dos jogos brilhantes da palavra.

Entregávamo-nos, tranquilos, ao trabalho, quando indescritível choque atmosférico abalou o escuro céu. Clarão de terrível beleza varou o nevoeiro de alto a baixo, oferecendo, por um instante, assombroso espetáculo. Não era bem o relâmpago conhecido na Crosta, por ocasião das tempestades, porquanto as descargas elétricas da Natureza, sobre o chão denso, são menos precisas no que se refere à orientação técnica de ordem invisível. Observava-se, ali, o contrário: a tormenta de fogo ia começar, metódica, mecânicamente.

Dominou-me angustioso pavor, mas o Assistente Jerônimo revelava-se tão calmo, que a sua serenidade era contagiante.

— E' o primeiro aviso da passagem dos desintegradores — explicou-nos, solícito.

A distância de muitos quilômetros, viam os clarões da fogueira ateada pelas faíscas elétricas na desolada região.

Decorridos alguns minutos, chegaram novos reforços para a guarda. Todos os servos do bem, em trânsito na Casa Transitória, foram chamados a cooperar na vigilância. O assessor que os distribuía, em variados setores do serviço, esclareceu que o instituto socorrista deveria partir dentro de quatro horas, e que, nesse tempo, em circunstâncias como aquelas, seria grande o número de infelizes a procurar-lhe as portas, acentuando que não se dispunha de colaboradores em quantidade suficiente para atender às tarefas do átrio.

Antes de maiores explicações, ribombou novo trovão nas alturas. O fogo riscou em diversas direções, muito longe ainda, como a notificar-nos de

sua aproximação gradativa. Dessa vez, todavia, recebi a nítida impressão de que a descarga elétrica não se detivera na superfície. Penetrara a substância sob nossos pés, porque espantoso rumor se fez sentir nas profundezas.

Muitas vezes ouvira viajantes que afrontaram sinistros do mar, e todos eram unânimes em asseverar a beleza cruel das grandes tormentas no dorso do absímo equóreo, bem como afirmavam que viajor algum, por mais incrédulo, conseguia subtrair-se às ponderações místicas da fé, perante o turbilhão escachoante do desconhecido. Ali, no entanto, a emoção era mais solene, os fatores mais complexos, tal o patético do fenômeno.

Buscando talvez tranquilizar-me, o Assistente afiançou:

— O trabalho dos desintegradores etéricos, invisíveis para nós, tal a densidade ambiente, evita a eclosão das tempestades magnéticas que surgem, sempre, quando os resíduos inferiores de matéria mental se amontoam excessivamente no plano.

Jerônimo, experiente e bondoso, tentava sossegar-me o coração, todavia, embora soubesse que não nos encontrávamos, ainda, diante da tormenta de forças caóticas desencadeadas sem rumo, confesso que sentia enorme dificuldade para desincumbir-me das obrigações assumidas, em virtude da absoluta preocupação do acontecimento exterior ao ambiente de serviço.

Desde aquele segundo estampido atordoante do firmamento, a Casa Transitória de Fabiano entrou em fase anormal de trabalho.

Servidores, embora sob impecável articulação, iam e vinham, apressados. Lá dentro, cogitavam-se das derradeiras medidas, com valioso aproveitamento dos minutos. Aparelhos de comunicação funcionavam em ritmo acelerado, anunciando o fato, em direções várias, avisando peregrinos da espiritualidade superior, a fim de não se aproximarem da zona sob regime de limpeza. Três quartas partes

dos colaboradores efetivos de Zenóbia cuidavam das providências alusivas ao vôo próximo ou organizavam acomodações para os necessitados que chegariam em bando.

Com efeito, justificavam-se as medidas, porque ouvíamos agora ensurdecadora algazarra de multidões que se aproximavam.

Sucederam-se outros ribombos ameaçadores, despejando fogo na superfície e energias revolventes no interior do solo que pisávamos.

Ondas maciças de sofredores aterrados começaram a alcançar as defesas. Era dolorosa a contemplação da turba amedrontada e expectante. Aproximamo-nos dela, quanto era possível.

— Socorro! socorro! — conclamavam infelizes em agrupamentos compactos.

Ameaçavam-nos outros:

— Fujam daqui! Atravessaremos a barreira de qualquer modo! O abrigo nos pertence! Vamos à força!

E não se limitavam às palavras. Avançavam, em massa, sobre as faixas horizontais, para recuarem, espavoridos.

— Ajudai-nos, por amor de Deus! — suplicavam os menos atrevidos — Recolhei-nos, por caridade! Seremos perseguidos pelo fogo devorador!...

Entretanto, com maior ou menor intensidade, todos os sofredores exibiam escuros círculos de treva em torno de si.

Um deles atingiu-nos o círculo de atividade e identifiquei-o. Não havia qualquer dúvida. Era o verdugo que me provocara tanta revolta íntima na véspera. Postou-se de joelhos, não muito longe de nós, e implorou:

— Tende piedade de mim!... As fogueiras ameaçam-me! penitencio-me! penitencio-me! fui pecador, mas espero contar com o vosso auxílio para reabilitar-me!

As rogativas sensibilizariam qualquer cooperador menos avisado, mas, prevenidos quanto à senha

luminosa, notávamos que o pedinte se cercava de verdadeiro manto de trevas. Dele se aproximou Luciana, quanto pôde. Fixou-o bem, fez significativo gesto e exclamou, espantada, embora discreta:

— Oh! como é horrível a atividade mental deste pobre irmão! Vêem-se-lhe no halo vital deploráveis lembranças e propósitos destruidores. Está amedrontado, mas não convertido. Pretende alcançar a nossa margem de trabalho para se apropiar dos benefícios divinos, sem maior consideração. A aura dele é demasiadamente expressiva...

Ia dizer mais alguma coisa. Bastou, entretanto, um olhar do Assistente que nos dirigia para que se calasse, humilde, reintegrando-se no trabalho complexo que tínhamos em mão.

Dilatavam-se fogueiras enormes em direções diversas e raios fulgurantes eram metódicamente despejados do céu.

Vasta dose de paciência era dispensada por todos nós, para conter a multidão furiosa. Impressionavam-nos as formas monstruosas e miseráveis a se arrastarem vestidas de sombra, quando começaram a chegar entidades aureoladas de luz. Trajavam farrapos e traziam comovedores sinais de sofrimento. Dando a perceber que desejavam isolar a mente das centenas de revoltados que ali se congregavam em ativo movimento de insurreição, contemplavam o Alto e cantavam hinos de reverência ao Senhor, em regozijo da própria renovação, cânticos esses abafados pela algaravia dos rebeldes agitados. Reparava, pela expressão de quantos iluminados se aproximavam de nós, que se esforçavam por manter o pensamento alheio às objurgatórias dos maus, temendo talvez o interesse mental pelo que emitiam, circunstância criadora de novos laços magnéticos favoráveis à dominação dos verdugos. Intentavam, por isso, alimentar o máximo despreendimento dos apodos que lhes eram lançados pela turba malévolas e impenitentes. Formavam agrupamentos de formosura singular. Su-

blimes quadros de paraíso, no inferno de atrozes padecimentos! Vinham, de mãos entrelaçadas, como a permutar energias, a fim de que se lhes aumentasse a força para a salvação, no minuto supremo da batalha que mantinham, talvez, desde muito antes. E esse processo de troca instintiva dos valores magnéticos infundia-lhes prodigiosa renovação de poder, porquanto levitavam, sobrepondo-se ao desvairado ajuntamento. Emolduravam-lhes a fronte belos círculos de luz, com brilho mais ou menos uniforme. Enquanto os tipos de semblante sinistro lhes dirigiam insultos, elas cantavam hosanas ao Cristo, entoando louvores, que, de certo, lembravam os júbilos dos primeiros cristãos, perseguidos e flagelados nos circos, quando se retiravam sob os apupos de espectadores perversos.

Todavia, para se acolherem ao asilo de Fabiano, necessitavam poussar, rente a nós, que lhes abríamos passagem prazeirosamente. Entretanto, para alcançarem o átrio da instituição, eram compelidas à quebra da corrente de energias magnéticas recíprocas, mantendo-se de mãos separadas, e os recém-chegados, em sua maioria, desvencilhando-se involuntariamente uns dos outros, tombavam enfraquecidos após prolongado esforço, logo aos primeiros passos na região interna da Casa Transitoria. Semelhavam, assim, às aves esgotadas em laboriosa excursão, depois de atingirem o objetivo que as fizera afrontar distâncias e tormentas.

Na qualidade de aprendiz incipiente, angustiava-me a observação. Tudo, no entanto, fora previsto pelas autoridades administrativas do instituto.

Enfermeiros e macas, em grande número, estacionavam, não longe de nós, fomentando socorros imediatos.

Pequenos e admiráveis cordões de entidades, transformadas interiormente pelos dolorosos banhos de pranto santificador, chegavam agora de todos os lados. E as hordas ferozes e irônicas, rodeadas de trevas, multiplicavam-se também, em turbas

compactas, ferindo-nos a audição com blasfêmias e injúrias contundentes. Entre os ingratos e rebeldados, havia, contudo, criaturas que se mostravam, aflitas e, genuflexas, tocavam-nos o coração fraternal com seus brados de socorro e amargurosas queixas, às quais, porém, não podíamos aliviar com qualquer benefício precipitado, em virtude da perigosa condição mental em que se mantinham, condição que lhes impunham sofrimentos reparadores.

Quase quatro horas difíceis se escoaram, exigindo-nos delicada atenção na tarefa. E, agora, a paisagem era mais sufocante, mais terrível... Serpentes de fogo desenovelavam-se dos céus e penetravam o solo, que começou a tremer sob os nossos pés. O calor asfixiava. Sentindo os elementos vacilantes que nos ladeavam, recordei velha descrição do maremoto de Messina, em que, sob o auge do pavor, diante da Natureza perturbada, não sabiam as vítimas como se colocarem a caminho do salvamento, porquanto, em torno, a terra, o mar e o céu se conjugavam num ciclópico e sincrônico arrastamento.

A instituição, através de todos os administradores e auxiliares, operava com indescritível heroísmo. Com franqueza, de minha parte aguardava, ansioso, o sinal de regresso ao interior, tal a impressão desagradável de que me sentia possuído. Fitas inflamadas do firmamento caíam, caíam sempre, em meio de formidáveis explosões, oriundas da desintegração de princípios etéricos...

Quando tudo fazia supor que não havia, nas vizinhanças, entidades em condições de serem socorridas, soou a clarinada equivalente ao toque de recolher.

Enfim! — suspirei, aliviado.

Consoante instruções recebidas, abandonámos os aparelhos electro-magnéticos da defensiva, em funcionamento indiscriminado, e afastámo-nos, apressadamente.

Sorvedouros de chamas surgiam próximos e

tamanha gritaria se verificava, em derredor, que tínhamos perante os olhos perfeita imagem de vasta floresta incendiada, a desalojar feras e monstros de furnas desconhecidas.

Atravessámos o pórtico do asilo seguidos de todos os companheiros que ainda se conservavam no exterior. Escutávamos, agora, o ruído leve dos motores. Lá fora, espessos bandos de entidades perversas tentavam ainda romper os obstáculos, invadindo-nos o abrigo prestes a partir. Aflitiva inquietude empolgava-me.

— Que seria de nós, se a multidão assaltasse o reduto? por outro lado, a queda contínua de faíscas chamejantes, a meu ver, punha em perigo a organização. Porque não desferir vôo imediatamente?

Era forçoso considerar, todavia, que dentro do asilo reinava absoluta ordem, não obstante o ritmo apressado do trabalho. Acomodações simples, mas confortadoras, recebiam sofredores extenuados. E serena como sempre, como se estivesse habituada às perturbações externas, a Irmã Zenóbia controlava a situação, ultimando providências.

Todas as portas de acesso fácil ao interior foram herméticamente cerradas.

Logo após, a orientadora chamou-nos à vasta sala consagrada à oração e esclareceu que a Casa Transitória, para movimentar-se com êxito, não necessitava apenas de forças elétricas, baseadas em simples fenômenos da matéria diferenciada e, sim, também, de nossas emissões magnético-mentais, que atuariam como reforço no impulso inicial de subida.

Zenóbia fôra breve, dadas as circunstâncias do momento. Mantinhamo-nos todos em ansiosa expectativa, concentrados na câmara da prece, com exceção dos companheiros que se achavam em serviço de assistência imediata aos recolhidos das últimas horas e de quantos se conservavam de sentinela, junto à maquinaria em funcionamento.

Funda emoção transparecia em todos os rostos.  
Lá fora, rugiam elementos em atrito.

A diretora, após convidar-nos a transfundir vibrações mentais, num só ato de reconhecimento ao Senhor, tomou entre as mãos lindo volume. Reconheci-o imediatamente. Era a Bíblia, nossa conhecida de tantos anos. Abrindo-a, atenciosa, a orientadora leu o Salmo cento e quatro, em voz alta, pausada e solene:

*"Bendize, ó minha alma, o Senhor...  
Senhor, Deus meu, engrandecido  
De majestade e de esplendor!  
Revestido de luz, como dum manto  
Desdobraste o céu, como sagrada cortina da vida...  
Construiste as sublimes câmaras das águas,  
Fazes das nuvens o seu carro  
E derramas teu hálito criador nas asas do vento.  
Enches o Universo de mensageiros  
E, por vezes, tomas por teu ministro o fogo devorador.  
Fundaste-nos a Casa Terrestre em bases seguras,  
Garantindo-nos a vida em séculos de séculos...  
Deste-lhe abismos e pincaros por vestidura,  
Santificaste as águas para que se elevem sobre os  
[montes,  
Mas, à tua voz de comando, todos os elementos se  
[transformam,  
Porque, se envias a música da manhã, envias igualmente o trovão destruidor...  
Elevam-se montanhas, descem vales  
Ao lugar que lhes marcaste,  
Sem que ultrapassem teus limites.  
Fazes sair, Senhor, as fontes dos vales  
Fertilizando os montes...  
Dás de beber aos animais do campo  
E sacias a sede às plantações silvestres,  
Onde as aves do céu guardam seu ninho,  
Louvando-Te, dia e noite...  
Irrigas o topo das montanhas, jorrando águas do céu,  
Para que a Terra seja farta de frutos.*

A leitura do Salmo ia em meio, quando o instituto, à mancira de vigorosa embarcação aérea, principiou a elevar-se.

A devotada orientadora não lia apenas: pronunciava os vocábulos de louvor, compilados há tantos séculos, sentindo-os, intensamente. Oh! maravilha! Tamanha era a comoção com que se dirigia, humilde e reverente ao Senhor do Universo, que o tórax de Zenóbia parecia misterioso foco resplandecente.

Contagiados pela sua fé ardorosa, uniamo-nos na mesma vibração.

O oratório encheu-se de profusa claridade. Luz irradiante ganhava os compartimentos próximos e deveria espalhar-se, lá fora, no campo de sombras espessas.

Eminentemente comovido, observei que a Casa Transitória, deslocada vagarosamente de inicio, punha-se agora em movimento rápido.

Não pude examinar particularidades do fenômeno. A atitude recolhida de Zenóbia, em oração vigilante, compelia-nos a sustentar o mesmo tono vibratório ambiencial. Reparava, porém, que a instituição socorrista subia, subia sempre.

Decorrida quase uma hora de vôo vertical, alcançámos uma região clara e brilhante. O sorriso do Sol trouxe-nos alívio.

Levantou-se a diretora e, seguindo-a, erguemo-nos, de novo, compreendendo que a fase perigosa passara.

Desde esse momento, a instituição movimentou-se em sentido horizontal, viajando sobre os elementos do plano. Das pequenas janelas, contemplámos as coloridas auréolas do fogo devorador.

Grupos diversos puseram-se em palestra e observação.

A Irmã Zenóbia, cercada de assessores, comentava as próximas medidas, referentes aos serviços de readaptação.

Aproximando-me do Assistente Jerônimo e do padre Hipólito, que trocavam ideias entre si, passámos a analisar a grandeza do trabalho sob nossos olhos.

— Oh! — exclamei — se os homens encarnados entendessem a beleza suprema da vida! se apreendessem, antecipadamente, algo dos horizontes sublimes que se nos apresentam depois da morte do corpo, certamente valorizariam, com mais interesse, o tempo, a existência, o aprendizado!

Jerônimo sorriu e ponderou:

— Sim, André. Todavia, importa observar que o plano transitóriamente pisado pelos homens permanece também repleto de mistério e encantamento. Para os que amam a glória de Deus, a Crosta Planetária oferece sublimes revelações, desde os estudos do infinitesimal até a contemplação dos grandes sistemas de mundos que se equilibram na imensidão!

E meditando sobre as horas inolvidáveis que passamos, desde a nossa descida ao abismo, ouvi ambos os companheiros trocarem impressões acerca dos problemas transcendentais da vida, como sejam o aprimoramento do Espírito e da forma, o planejamento dos destinos de orbes e seres, o governo místico da Terra em suas diferentes esferas de atividade e evolução, os vários tipos de criaturas na Humanidade, as leis do progresso e da reencarnaçāo, a extensão das forças condensadas no átomo etérico, a energia dos elementos químicos no campo físico das manifestações planetárias, e o poder criador dos grandes mentores da sabedoria.

Escutava-os, entre o silêncio e a humildade, como aprendiz extasiado diante de mestres benévolos e experientes.

Em breve, porém, após haurir lições que jamais esquecerei, reparámos que a Casa Transitória descia suavemente. Regressávamos ao círculo de substância densa, embora menos pesada e menos

escura. Dentro em pouco, pudemos localizar o abrigo de Fabiano em outra zona de serviço fraternal.

Extensa legião de servidores aguardava a nossa chegada, a fim de colaborar conosco no esforço de readaptação. Gastáramos na viagem três horas e trinta e cinco minutos.

Complexas atividades esperavam os obreiros dedicados.

Preliminarmente, todavia, a Irmã Zenóbia, radiante, congregou-nos na jubilosa prece de agradoamento, após a qual Jerônimo nos convidou a sair. Cinco irmãos fiéis ao bem, já em vésperas de libertação da carne, aguardavam-nos o auxílio na Crosta da Terra e era necessário partir.

## XI

### AMIGOS NOVOS

Conduzindo equipamento indispensável ao trabalho, despedimo-nos da instituição socorrista, colocando-nos a caminho da Crosta.

Jerônimo dava-se pressa em auscultar os vários ambientes em que se verificaria nossa atuação.

Programou a tarefa com simplicidade e bom senso. Não nos distrairíamos com quaisquer investigações, além da missão previamente esboçada, e manter-nos-famos em ligação incessante com a Casa Transitória, para maior eficiência no dever a cumprir.

— Naturalmente — explicou delicado — seremos forçados a diversas atividades de assistência aos amigos prestes a se desfazerem dos elos corporais do plano grosseiro e a fundação de Fabiano será o nosso ponto principal de referência no trabalho. Nos instantes de sono, conduzi-los-emos até lá, para que se habituem lentamente com a ideia de afastamento definitivo.

Intrigado, ao verificar tanta cautela, perguntou:

— Meu caro Assistente, todas as mortes se fazem acompanhar de missões auxiliadoras? cada criatura que parte da Crosta precisa de núcleos de amparo direto?

O amigo sorriu com indulgência, na superioridade legítima dos que ensinam sabiamente, e esclareceu:

— Em absoluto. Reencarnações e desencarnações, de modo geral, obedecem simplesmente à lei. Há princípios biogenéticos orientando o mundo das